

# ANA LUÍSA JANEIRA: DE VIAGEM PELA INTERDISCIPLINARIDADE



*Organizadoras*  
*Judite Maria Zamith Cruz*  
*Ana Maria Haddad Baptista*  
*Associação EntreSéculos (AES)*



TESSERACTUM

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ana Luísa Janeira [livro eletrônico] : de viagem  
pela interdisciplinaridade / organização Judite  
Maria Zamith Cruz, Ana Maria Haddad Baptista,  
Associação EntreSéculos (AES). -- 1. ed. --  
São Paulo : Tesseractum, 2022.  
ePub.

Bibliografia. ISBN 978-65-89867-43-2

1. Ensaio 2. Filosofia 3. Interdisciplinaridade  
na educação I. Cruz, Judite Maria Zamith.  
II. Baptista, Ana Maria Haddad. III. Associação  
EntreSéculos (AES).

22-135490

CDD-100

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Filosofia 100 Aline Grazielle Benitez –  
Bibliotecária - CRB-1/3129

**Coordenação Editorial:** Equipe Tesseractum Editorial

**Diagramação:** Equipe Tesseractum Editorial

**Revisão:** Autoras e Organizadoras

**Foto da capa:** José Manuel Rodrigues

**Arte final da capa:** Tammy Guerreiro

Primeira Edição, São Paulo, Novembro de 2022 © Tesseractum Editorial

Site da Editora: [www.tesseractumeditorial.com.br](http://www.tesseractumeditorial.com.br)

Nenhuma parte dessa publicação, incluindo o desenho de capa pode ser reproduzida, armazenada, transmitida ou difundida, de maneira alguma nem por nenhum meio sem a prévia autorização do autor. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal), com pena de prisão e multa, busca e apreensão e indenizações diversas (art. 101 a 110 da Lei 9.610 de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

## Sumário

APRESENTAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRESÉCULOS .....	9
INTRODUÇÃO .....	12
Ana Janeira ou a multiplicidade de um olhar (singular) filosófico.....	12
PRIMEIRA PARTE .....	18
CAPÍTULO 1: NAS MARGENS E NA TERCEIRA PESSOA.....	19
Configuração familiar .....	20
Configuração escolar .....	21
Prémios .....	24
Termos e relações estruturantes.....	25
Configuração da investigação .....	28
Configuração docente.....	31
Configuração nómada/planetária.....	36
Configuração alentejana.....	39
Articulações entre investigação, ensino e escrita.....	42
Publicações.....	49
Investigação.....	49
Artigos de divulgação .....	68
Antologias destinadas a cursos .....	69
CAPÍTULO 2: FIGURAS E CONFIGURAÇÕES DO PORTO: marcas em ambientes escolares .....	71
O COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DA PAZ.....	74
O LICEU NACIONAL DA RAINHA SANTA ISABEL .....	83
A UNIVERSIDADE DO PORTO .....	90
SEGUNDA PARTE .....	107
CAPÍTULO 1: INTERDISCIPLINARIDADE NUMA OBRA DE ANA LUÍSA JANEIRA.....	108
PRIMEIRAS PEÇAS DUMA ESTRUTURA COM SENTIDO.....	108
Terminologia plural .....	108
Marcos de inteligibilidade .....	114
Geração de ideações de lugar e de vivido .....	117
Campos vitais para a deteção da diferença de mundos .....	121
Procedimento na análise textual .....	123
A FIGURA DO PENSAMENTO RIZOMÁTICO.....	126
Entre a raiz académica e o modelo rizomático.....	126
<i>Décalage</i> nos percursos educativos.....	131
Interdisciplinaridade nas práticas de ensino e investigação .....	135

DA ESTRUTURA DA PRAÇA.....	140
Do que se <i>fala</i> quando se narra uma <i>estória</i> ?.....	140
Na viragem linguística .....	144
A fluidez hermenêutica.....	147
Transições nos processos experienciais .....	148
Teorias e signos: códigos duma época .....	150
Descontinuidades: ignorância e/ou inacessibilidade do que seja até incognoscível...	152
Para uma semiótica da significação da praça.....	154
Narrativa dum trajeto animado: libertação de modelos, escolas e poderes .....	161
Uma síntese: os sete tipos de fenómenos na narrativa da praça .....	163
PENSAMENTOS ENTRANÇADOS.....	165
Perceções inovadoras nas alterações do século XX.....	165
<i>Desengatar</i> saberes das disciplinas e das instituições .....	168
Um ateliê: onde alojar consciência social e experiência intersubjetiva .....	168
A intrincada complexidade de fatores humanos.....	169
O caso do encontro num ateliê velado .....	171
A compreensão prévia do leitor.....	176
Fenomenologia: ordem explicada de ordem implicada.....	178
Análise transdisciplinar: processos, cognições e interações .....	179
Questionamentos .....	180
O que quer dizer ser livre-pensador? .....	187
Expansões, fraturas, conquistas e retrocessos .....	188
Pós-significado na educação para o século XXI .....	191
CAPÍTULO 2: MUDANÇAS EPISTÉMICAS BEM-SUCEDIDAS: heterotopias em “Para uma epistemologia da biblioteca pessoal” .....	201
Introdução .....	201
Traduções e conceitos que mudam .....	203
<i>Streaming</i> .....	204
A biblioteca.....	205
A biblioteca pessoal e social .....	206
Conceções de biblioteca .....	206
Fluir da consciência em sociedades ocidentais .....	209
Do tempo recuperado.....	210
Do real e imaginário em jardins.....	211
A-localização .....	211
Quando cá na Terra as coisas ficam como eram antes .....	213
Desvio e tempo: exemplares de heterotopia .....	214

Jogo de espelhos.....	216
Utópicos e dissensos.....	219
O humor e a sátira social.....	220
Uma luta renhida.....	221
Idealistas, Razão e paradoxos .....	223
O idealismo mutualista .....	224
Dissensos na Biblioteca de Babel.....	225
<i>Insolubia</i> , paradoxos iluminados e predicados vagabundos.....	226
Discussão final.....	230
CAPÍTULO 3: PERSPETIVISMO: projeções de “Para uma epistemologia da viagem” .....	237
Introdução .....	237
Perspetivismo filosófico.....	239
A descoberta da perspetiva na arte.....	240
O papel significativo de ler o mundo no relato de viagem.....	241
Da transformação da pintura ao inolvidável viajante do século XVII .....	242
Diego Rodríguez de Silva y Velázquez.....	243
Fernão Mendes Pinto.....	250
Aceções de verdade .....	253
Verdades na filosofia .....	254
Viagens: “a nossa experiência como um todo e algo fora dela e para além dela” .....	258
O novo paradigma de pesquisa: “como as coisas <i>podem ser</i> ?” .....	260
Como “ler” uma história adaptada para a infância .....	261
Versões possíveis do mundo “contratualizado” .....	262
Espaços precisos para a “leitura” do mundo .....	263
Sentido de viajar.....	265
Sentidos de <i>coisas &amp; coisas</i> : património material e legado espiritual .....	268
O legado da botica?.....	270
Do legado textual .....	276
Mundos virtuais: “A que lugar queres ir, já?” .....	278
Discussão final.....	280
TERCEIRA PARTE.....	287
CONCLUSÃO: PRÁTICA INTERDISCIPLINAR, UM CURSO DE VIDA ATIVO.....	288
Introdução .....	288
Autoapresentação.....	291
Que valoração do objeto de pesquisa?.....	292
Filosofia experiencial e processual.....	293
Quando a filosofia segue na descrição do <i>Tao</i> .....	294

Liderança, sem benevolência e sem condescendência .....	296
Ser sujeito.....	297
Ser pragmático .....	297
Possuir coragem .....	299
Apurar a percepção da relação e a partir do contexto .....	301
Transcender o tempo .....	303
Florescer .....	304
Ana Luísa Janeira: um pensamento “incorporado” .....	305

## CAPÍTULO 2

### MUDANÇAS EPISTÉMICAS BEM-SUCEDIDAS: heterotopias em “Para uma epistemologia da biblioteca pessoal”

Judite Zamith Cruz

#### Introdução

Além duma plataforma comum a autores, uma biblioteca pessoal confere ainda à pessoa que a detém um acesso a si e ao tempo – um espaço particular<sup>116</sup>.

Foco-me num trecho seu, no blogue *ArquivoVivido*, com o título “Para uma epistemologia da biblioteca pessoal” (Janeira, 2020, 17 de dezembro). Trouxe-me a reler a palavra *esquecida* – “heterotopia”. No cativante domínio dum arquivo vivido, foi num *post* que a filósofa colocou a expressão: “lugares *que estão fora de todos os lugares*”. Heterotopias darão conta de “a-localizações”.

O que conceber da versão heurística para utopias concretizadas, numa aproximação progressiva destas, além de descrições introdutórias?

São as heterotopias que posicionam os contrários às tradicionais versões do mundo, nomeadamente no último quartel do século XX.

O buraco fora aberto nos anos sessenta, na utopia normativa, porque dificilmente alguém se conformaria a juízos de valor (norma), ao que fosse socialmente aceitável.

---

116 Quando designo o tempo de um espaço particular, a metáfora torna-se útil, a ser racionalizada de outras formas.

Não seria isento de valores o espelho das desigualdades sociais. Para o efeito, nessas circunstâncias datadas, Michel Foucault (1915 – 1984) visitou a riqueza das estâncias hidrotermais, em hotéis e locais elegantes de veraneio e registou-o numa crítica original. Quando descreveu o que cunhou de heterotopias, nem se “escutavam” as crises com que nos confrontamos dia a dia:

Há igualmente, e isto provavelmente em qualquer cultura e em toda a civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares desenhados na instituição da própria sociedade, e que são uma espécie de contra localizações, espécie de utopias efetivamente realizadas, nas quais as localizações reais encontradas, no interior da cultura, são como representadas, contestadas e invertidas, contextos que estão fora de todos os lugares, ainda que sejam efetivamente localizáveis. Estes lugares, porque são absolutamente outros, distintos de todas as localizações que refletem e de que falam, chamar-lhes-ei, por oposição às utopias, as heterotopias. (Foucault, 1984)

As heterotopias obedecem ao que designou de “contra localizações” (e a-localizações), para a mente divergente, documento crítico, espaço alcançado, avançado ao tempo de utopismos, que voltaram a ouvir-se.

Na Europa, a heterotopia foi dirigida a “neutralizar” ou a inverter o discurso instituído, na relação a lugares irreais (e utopismos) ou a visões *enganosas* dadas a ver em espelho. Em 1984<sup>117</sup>, entendeu nem termos até então “dessacralizado o espaço, na prática”, quando o sagrado é separado do profano. O enunciado de Foucault constituiu um “Prefácio”, ainda em 1966.

---

117 Na presente Introdução, fornecida a referência, esta não será adiante utilizada, exceto quando feita outra citação direta doutra obra de Foucault.



## Traduções e conceitos que mudam

No grego antigo, o “lugar”, relativo ao espaço, sublinha *-topia*<sup>118</sup>, o elemento de formação para a palavra “utopia”<sup>119</sup>. Uma heterotopia resulta da aglutinação de *hetero-* para *outro* – e *topia*, um “espaço”.

Numa perfeição quase impossível de alcançar, para o imaginário espacial, a China introduziu o termo no século XIX, no que abarca géneros que transitam por domínios sociais, pensamentos, abstrações, ficções, fantasias e o *design* de espaços. No século XXI, *kōng xiǎng* traduz “utopia”<sup>120</sup>, frisada ainda a quimera (literalmente: *xiǎng: kōng idea: void*) ou *qí xiǎng*, na aceção de heterogeneidade de distintos elementos para a maciça confusão. No mandarim, literalmente, *xiǎng* significa “ideologia”. Acresce que a palavra “utopia” (pronuncia-se *wū tuō bāng*) alcança uma conotação e perceção *negativas*. Literalmente, *bāng* é o “país” (para o qual) *wū* (não se pode) confiar em *tuō*. A desvalorização encontra-se nas expressões linguísticas comuns. Será a heterotopia parte do sentimento de um povo, que nenhum outro povo compreende?

Uma heterotopia faz-me olhar a partir de fora, antes de articular essa esfera entre outras, não somente políticas, morais e sociais. Tempo é pensamento e as facetas linguísticas são suposições do mundo.

---

118 Em “-topia” (no grego, *lugar*) encontra-se o elemento de formação para a palavra “utopia”.

119 A palavra “utopia” (no grego, *utopos*, para “em lugar nenhum”; *ou*, que se lê u, que significa “não” + grego *tópos*, “lugar”) foi cunhada pelo idealista Thomas More (1478 – 1535). Ao usar a conceção do grego, More furtar-se-ia à censura.

120 Ver também a palavra “utopia”, em mandarim, *yǔ wū tuō bāng*, para “utopia” (pr.n. *xiǎng duì*).

## Streaming

“O que é o fluxo ou corrente de consciência (*streaming*)?”

Numa realidade concreta, como foi enunciado no *post*, a filósofa recria a noção de biblioteca, um legado real e virtual, que associa à sua “mesa de trabalho, onde a leitura e a escrita se corporalizam também”. Lê e escreve nesse lugar de eleição. No blogue *ArquivoVivido*, apreende-se uma aquisição de consciência social e o trabalho fluente, reflexivo.

Mediante experiências subjetivas, revisitado William James (1842 – 1910), a intuição do dinamismo da consciência fora por ele tomada em extensão (James, 1890/1950]). Todavia, para James, a consciência era um contínuo e uma corrente (não por elementos).

No século XXI, a consciência atinge-nos doutra forma, no fluxo de experiências (cerebrais) subjetivas (amor, ira, sofrimento...). Em termos cerebrais interligam-se sensações, emoções e pensamentos. Esses fenómenos psicológicos sucedem-se, dito que uns aparecem e outros desaparecem num dado momento (Harari, 2017, pp. 124-125). Portanto, a descontinuidade é ainda parte da sucessão, em que dividimos os fenómenos psíquicos por categorias (sensações, emoções e pensamentos). Afinal, as experiências subjetivas têm, todas elas, as características tanto de *sensação* como de *desejo*. Mas será que existem mesmo experiências subjetivas?

Essa é a experiência subjetiva que dita a dúvida. Continua-se a atribuir à consciência os “artefactos” - peças, funções e dispositivos, mecanismos - numa testemunhável realidade concreta. O texto da autora é permeado de outras realidades, configuradas na biblioteca, “guardadas” alegrias e... tristezas<sup>121</sup>,

---

121 Por isso compreende a biblioteca no seu todo pelo que ela lhe transmite uma “sensação prolongada de ali guardarem-se alegrias e sofrimentos”.

cuja cadência é aberta à “mudança e [à] diferença”, condições instantâneas no fluxo descontínuo dos momentos de tempo, infinitamente pequenos.

## A biblioteca

No corredor há um espelho, que fielmente mostra aparências duplicadas. Os humanos muitas vezes inferem desse espelho que a Biblioteca não é infinita (se realmente fosse, por que essa duplicação ilusória?); eu prefiro sonhar que superfícies polidas aparecem e prometem o infinito... (Borges, 1944, p. 18)

Jorge Luís Borges (1899 – 1986) viu na Biblioteca o Paraíso. Não desmistificado o local eterno, perpetuava o diário ritual de sonhar acordado, agregado a ações imaginativas. Da conduta à linguagem repercutem-se trocas nas repetições duma situação (escrita, leitura...).

A biblioteca aufere ao leitor a qualidade de inventar mais. No quebra-cabeças, para organizados bibliotecários, após *tudo* reunido numa coleção de histórias, seremos nós a viajar à velocidade da luz por todo o planeta nunca visto, com estrelas *olhando* a nossa sombra fantasmagórica, questionado o espectro de enigmas sobre a natureza da nossa existência. Conjuogo *Ficções* (Borges, 1944) e heterotopias, num livro que é *nosso*, ampliado conhecimento nas múltiplas camadas da obra e de relações a outros lugares e tempos.

### A biblioteca pessoal e social

Uma faceta dual confere a algo duas naturezas, ou seja, alcança ser o que é, derivado de fatores compartilhados: o privado e o público, o familiar e o social, o cultural e o utilitário, o lazer (e o turismo) e o trabalho.

Ressituo heterotopismos para extensões e para ideais realizáveis, numa mescla de real e mítico (e virtual). Logo, irei pontuar as “projeções” duma documentação real (e Real, durante a Monarquia Portuguesa) e inspiradora. Por heterotopia, delineio até a possibilidade de ser transcendida tanto a realidade<sup>122</sup> como a ilusão<sup>123</sup>, quando uma imagem de arquivo é real, podendo ser virtual, fotografada ou microfilmada.

### Conceções de biblioteca

No formato de heterotopia, dada a configuração espacial para um 4.º “princípio” ou “traço”, Foucault destacou a biblioteca, além do museu do século XVII, cuja assunção era a “escolha individual” e o incentivo à liberdade, quando à época surgiam as primeiras ilustrações em gravura e em água-forte.

A modernidade veio pontuar o domínio, o controlo e o poder público, dado à acumulação de *tudo* (“dos tempos, das épocas, das formas, dos gostos...”). Um

---

122 Retratou os espaços reais, na circunstância da almejada a “perfeição” e “meticulosidade”, por contraste com locais de “desarrumação” e desalinho privado, em casa ou no pensamento. É a imagem do tapete persa, no retrato do Éden, outra “perfeição” colocada como “simbólica”.

123 Referiu-se a “espaços de ilusão”, no que denunciou o quanto sejam ainda “mais ilusórios [outros] espaços reais”, julgada a abertura ao privado duma família, quando sejamos excluídos, na ausência de real hospitalidade (no exemplo, em fazendas da Amazônia).

Estado europeu mostraria o esplendoroso “arquivo real”, colocado numa espécie de fortificação, prisão perpétua, guardado para a eternidade.

Por sua vez, quando o pensamento fulgurante tenha *tudo* desarrumado (não aprisionado o mental arquivado), na memória deixaria de ser o espírito dominado e censurado. E como o que é preso ao pensamento nem “morde”, escreveu Foucault, nessa gaiola aberta tornar-se-ia a presa “indefinida”.

Em Lisboa, localizo o Arquivo Real da Torre do Tombo<sup>124</sup>, iniciado em 1378. Após o Terramoto de 1755 foi arrasado no Castelo de São Jorge e reiniciado em 1757. Durante 233 anos, instalou-se no Palácio de São Bento, transferido depois, dado o seu volume. A digitalização para a catalogação tornou-se interminável para os espólios documentais dos acervos (no dicionário, “acumulações”).

Foucault tomou por deslocado o carácter “universalizante” da obra, englobado um acervo histórico, temático e separadas coleções de documentos soltos ou codificados. No passado ambiente monárquico, tivemos “arquivos gerais”. Em vários campos visitados, o Real Arquivo da Torre do Tombo chegou a patrimónios públicos, organizacionais, firmados em armazéns, especiais ou especializados. Não chegou ao universo mais vasto em outros continentes ou a interesses pessoais diversos.

Já o arquivo pessoal contrasta na especificação, de acordo com o apresentado na figura n.º 1, na residência da autora, cujo espírito particular vai de encontro a obras ímpares. Transmitem um legado espiritual a ser doado.

---

124 Outras aceções para documentos são tombos e arquivos.



Figura n.º 1 - Imagem do arquivo pessoal disponibilizada por Ana Luísa Janeira.

Por conseguinte, no *post* deste blogue, a heterotopia transcende a ideia de “utopia individualizada”, quando alia “papéis” e “lembranças” coletivas e situadas. Cabe então um lugar efetivo (real) tanto de “cartas pessoais” como de cartas “oficiais”, em lugares “destacados”. Dados os espaços por preencher, o material é aberto a outros e, na doação, ocupará o *espelho* doutros, dada a escolha. Espelhará o “reflexo” de autorias na moldura duma “personalidade” interventiva. Criado desde a infância, este arquivo *vivido* expressa criteriosos “gostos, interesses, profissão e seleção”. O carácter heterotópico da biblioteca traduz uma realização, dedicação e esforço do que acolhe dum conhecimento não explícito (*vivido*), aliado a futuros conhecedores/utilizadores da documentação, cuja origem, experiência, tradição e inovação é uma memória coletiva não universal.

Na *nossa* complexidade e consciência social, ainda outros elaborarão percepções e memórias de factos/ficções (o que alguém já designou de “fações”) do desconhecido. Planeado o futuro, partirão de leituras inéditas, desenroladas memórias e imagens do que não viveram para ideias realizadoras.

E o que domina a área virtual?

Em simultâneo a um arquivo material, como o da pensadora, pode o arquivo estar no computador (um recurso informático) ou no dispositivo de impressão. Uma biblioteca nem será então uma mera listagem, um rol de tomos (documentos), numa ordenação e sistematização de obras “clássicas”.

Portanto uma biblioteca permite “projeções” de uma cidadã. Integra a “forma e conteúdos” dispersos. E quando pensa numa autobiografia, a investigadora articula o projetado nas “memórias comuns” de outros tempos com esferas idiossincráticas.

### **Fluir da consciência em sociedades ocidentais**

A filósofa, ao reconhecer a exigência de nos colocarmos adiante no tempo, assinala o “fluxo de consciência”, usando a expressão de Camões (1524 – 1580): “Mudam-se os tempos. Mudam-se as vontades”. A mudança e a estabilidade são dois polos tensionais do viver alternado de sobressalto e tranquilidade.

No centro do estudo da autora, outro paradigma é colocado - o espaço, não fora o historicismo o lugar de confluência de ideias tantas vezes acríticas, por efeito de autoridade. Para esta filósofa das ciências, torna-se concebível o espaço na simultaneidade – *aqui* e *ali*, com laços a “topia” (real), utopia e à utopia virtual<sup>125</sup>.

Por conseguinte, na “heterotopia” enfatiza-se o estudo “descritivo” e “sistemático” de sociedades, em dado momento, pesquisando “os outros

---

125 Um exemplar concreto de “utopia virtual” é o espelho, com uma imagem ausente e real. No dicionário, “reflexão” traduz o efeito produzido pela luz refletida, e o inconsciente refletido.

espaços - heterotópicos”. Essas reconfigurações fornecem-nos a realidade possível numa materialidade flexível, na memória corporificada, onde as situações são delineadas como esboços, nunca completados.

### Do tempo recuperado

Por mais de dois mil anos até à Era moderna, com o suporte matemático, forjou-se a refutação dos paradoxos de Zenão (490/485 a.C. – 430 a.C.?)<sup>126</sup> entre muitos ditos assombrosos.

Na sua etimologia, paradoxo é composto de “para” (ao lado de, além de, etc.) e “doxa” (juízo, opinião, etc.). Foi preciso chegar o século passado para ser trazida à tona a impossibilidade de sustentar explicações dos fundamentos dos fenómenos - o que acedemos<sup>127</sup>, se afastados movimento e tempo. O motivo é não ser de eliminar a conexão com a realidade, mediante o uso de cálculos. As convenções matemáticas abalroadas conduziram-nos então à pergunta: “a realidade é uma série de momentos descontínuos ou um contínuo de instantes infinitamente pequenos?”

Seja como for entendida a questão da “realidade”, entre as duas vias, Zenão mostrou (e persistem) problemas com o tempo. Na sua observação do mutante, sobressai o pensamento transformado.

---

126 No argumento contra o movimento (*Aquiles e a tartaruga*), Zenão de Eleia (nascido na colónia grega, a cerca de 100 km de Nápoles), introduziu o paradoxo: “se partimos do nosso ponto de vista de sentido comum acerca do mundo, utilizando as regras mais escrupulosas de raciocínio, acabaremos a alcançar conclusões igualmente insatisfatórias” (Cohen, 2003, p. 203). O eleata ficara perplexo com o entendimento comum do mundo. Como muitos, Zenão era seguidor de Parménides, para quem o mundo era uno e indivisível, ao contrário doutros. Zenão olharia um mundo sensível (ilusório), oposto ao mundo real de mudança e transformação.

127 O fenómeno é acessível à percepção, ao contrário do *noumenon*.



## Do real e imaginário em jardins

Por alternativa aos mundos habitados, sem fronteiras demarcadas, na Pérsia tradicional (atual Irão)<sup>128</sup>, acreditou-se num local imaginário, sagrado e profano. O Éden teria o “microcosmo” numa versão reduzida desse não lugar. Era o inacessível situado no “jardim tradicional”, o real centro dum lugar “fechado”<sup>129</sup> por inacessível. Uma conjectura do local paradisíaco ligado ao jardim persa (n.d.), portanto, tem uma área hipotética que é um jardim murado para “o lugar de lugar algum”.

Na atualidade, juntando miúdos e graúdos, num livre espaço de diversão, encontro o jardim zoológico, que Foucault observou nas zonas de ócio e lazer, cujo toque utópico entronca na conceção do modelo do mundo “alegre e universalizante”, entre outras criações inviáveis e inauditas.

### A-localização

Foucault criticou a modernidade, observou o todo “compartimentado” em que ficámos aprisionados, nas sociedades ocidentais: um local é sagrado ou um local é secular, o espaço é aberto ou é fechado, público ou reservado e privado, penetrável ou não, dado ao isolamento e à purificação. Atravessada a baliza do sagrado e profano no espaço comum, como equacionar uma a-localização?

Enfim, como escapar ao real trabalho e ir ao território do ócio?

---

128 O Império Persa foi formado em 550 a.C., tendo abrangido a maior parte dos países do Médio Oriente, nas zonas sul e leste do mar mediterrâneo.

129 Na língua indo-europeia, o avéstico, da Pérsia antiga, a palavra *pairi-daeza* definiu o “espaço fechado” no “Jardim do Éden”, de acordo com a mitologia judaico-cristã (jardim persa, n.d.).

Foucault tomou o exemplar complexo dum Édén, além da Biblioteca borgiana<sup>130</sup>.

Enfatizado o exemplar jardim de “perfeição”, na Pérsia de outras Eras, que se “mova no espaço”, foi uma forma de observar a a-localização. No Édén, em que os tapetes persas<sup>131</sup> representaram a “perfeição simbólica”, o tapete conduziria ao jardim encantado.

Como no insondável Universo, alcançado um espaço “supraceleste”, o presente texto tornará livre uma fantasia criativa.

E sem que o tempo seja uma roda, as Eras vão e não durou algo pertinente ao Irão? Mas que dizer de pensar o espaço sem local?

Pois quando vemos o Sol a nascer e a cair no horizonte, nas palavras de Foucault, foi ultrapassado o senso comum, sustentado o reparo: “... e se a Terra não fosse o centro do Universo?”

As crenças resistem a evidências de que a Terra gira em volta do Sol. Todavia vivemos numa galáxia com muitos sistemas solares, uns maiores do que outros.

---

130 O termo “borgiano” vai da obra à biblioteca de Jorge do poeta argentino, ensaísta e escritor de contos Jorge Luís Borges, falecido em 1986.

131 Nos contos de “As mil e uma noites”, *Aladino* (literalmente, “nobreza da fé”) alcança a lâmpada mágica numa gruta do jardim. O tapete voador e o *maravilhoso* ligam na fantasia a lâmpada ao Médio Oriente (berço do Islão) e ao sudeste da Ásia, onde a Indonésia é a maior nação muçulmana da atualidade.

## Quando cá na Terra as coisas ficam como eram antes

Utopias são “os amanhãs-com-que tanto-sonhamos”.

Em alternativa, pense-se na divergência moderna, nos termos do filósofo francês. A par da violência, a arte em redor de Florença congregou já todo o *amaciar* da condição de vida. Por volta de 1420, a heterotopia - uma cidade fascinante, introduzido o Renascimento italiano (séculos XIV – XVI), implicava a relevância humanista.

Foi o humanismo então a colocar o humano como um valor “superior” e como um fim em si mesmo. Mais comum na Europa foi vermos a pessoa passar a constituir um “meio” para um fim utilitário.

Muito recuado no tempo, chegou até nós um relato ilustrativo do inesperado retrocesso, após a devastação. No final da Guerra dos Trinta Anos, à volta de 1648, as pessoas davam-se aos maiores atropelos, sobretudo por medo do desconhecido e dificuldade em sobreviver. No século XVII, “os protestantes lutavam em exércitos católicos e católicos [...] lutavam em exércitos protestantes” (Gombrich, 2010, p. 213). Outra precipitada rutura ocorreu em 1789<sup>132</sup>. Mais uma vez, a vida se tornaria *maldita*, espelhada na modernidade, para uma limitada conceção de história. Então, porque são louvadas tantas das ações concretizadas do passado, tidas como manifestações bárbaras?

Afinal, entre o que antecedeu o início da Revolução Francesa – 1789 - e o que se lhe seguiu foi a expansão de inúmeros subordinados e dependentes reais, muitos dos quais *virtuosos*. Os louvores seriam feitos aos que foram compensados por seguirem “boas práticas”. Nessa condição, eram

---

132 Em 1789, iniciou-se a Revolução Francesa. Para voltarem a brilhar as cortes faustuosas depois de 1799, eram excluídos os cidadãos da política, ainda que o diplomata austríaco Metternich (1773 – 1859) apelasse à união. A mostra de riqueza interpôs-se, soando mais alto nas cortes de Espanha, França, Rússia e Áustria (Gombrich, 2010, p. 259).

recompensados por parte de poderosos "perdoadores". O Estado *benigno* daria poder para servir, enfim, numa *boa* intenção de aristocratas governantes, caminhando para o sistema de *noblesse oblige*.

Ainda no século passado foi instituído o Clube de Roma, frequentado por estadistas. Em 1972, um punhado de ambiciosos do futuro neoliberal ainda prometia o infinito. Tinham sido apresentados relatórios aos ilustres decisores, expostos os limitados recursos da Terra, por Donella e Dennis Meadows, com Jørgen Randers e William Behrens. Os cientistas tinham em vista a cautelosa antecipação de catástrofes, a longo prazo. Não foram ouvidos os "utópicos".

A Razão trouxera a "humanidade" que não se eternizou. Temos tratados e sucessivas pós-guerras, tensões, contradições na língua e ambições de poder discricionário. Não se acredita já que vivemos no "melhor mundo possível". Vivemos num dos mais aprazíveis dos mundos possíveis, o que contraria a esperança de Leibniz (1646 – 1716).

### **Desvio e tempo: exemplares de heterotopia**

No último quartel do século passado, Foucault amplificou o pensamento espacial, cunhada por si a palavra "heterotopia", mais *eficaz* do que utopia, porque atinge a concretização, o cumprimento do sonho. Como não sonhar então com a igualdade?

Numa distribuição estatística, enformam descrições da modernidade assentes em normas para uma dada população, para periódicas revisões historiográficas. Nessa circunstância, nova aceção não normativa, foi destacada pelo psicólogo Foucault. Nas sociedades em que uma maioria (estatística) esqueceu o *outro*, do "louco" ao "falhado", temos o relatório clínico, em que se explica um "problema". Analisou juízos de valor para

“comportamento que se desviam da média ou do padrão exigido” (o “dever ser”). Numa “heterotopia de desvio”, portanto, cerca de 95% (uma maioria) é separada do que fizer a minoria (5%), qualquer coisa avaliada acima de 2 desvios padrões a partir da média, de alguma forma imaginável como *outro*. Por relação a quem foi já diagnosticado no quadro “patológico” (enfermo) e “portador de doença mental”, o modelo de desvio tem critérios subjetivos, ainda estes fossem apresentados numa tentativa de objetividade: “os outros pensam que estou bem, mas eu estou angustiado”; e “estou bem – os outros pensam o contrário”.

Na rejeição do estipulado, muitas pessoas não se ajustaram hoje às regras<sup>133</sup> e desviam-se. Ambicionam a maturidade, a realização no que se *faz* e a consciência do “porquê”<sup>134</sup>.

Outros continuamos a seguir diagnósticos e (psico)terapias, segundo critérios psiquiátricos estritos e organicistas. E se a noção de desvio viu ampliações, esbate-se até mais com a expansão da defesa dos direitos de minorias, do reconhecimento de “diferenças individuais”, em que somos defensores da “neurodiversidade”<sup>135</sup>. Depois da ambição de igualdade, já se constata sermos todos diferentes. Inclusive, possuímos cérebros estrutural e funcionalmente diferentes, mesmo os femininos e os masculinos. Perdeu-se até a passagem ao modo “típico” de humano.

---

133 A regra ou norma seria (e ainda chega a ser) o comportamento do homem branco e heterossexual.

134 A perspectiva de “saúde mental” tornou-se a perspectiva dominante, alternativa ao peso da discriminação e estigma, quando a ênfase é o desenvolvimento pessoal-social, a independência social, a capacidade de amar e ser amado, além do sentido da realidade.

135 O neologismo “neurotípico” abrange uma comunidade. Por condição neurológica, intrínseca ou extrínseca na origem, uma minoria assume a condição de neurodiversidade (por perturbação do espectro autista, de coordenação do desenvolvimento ou dispraxia, défice de atenção, com ou sem hiperatividade).

Noutro extrato de Foucault, uma “heterotopia do tempo” torna-se mais *fácil* de delinear no quotidiano do que o desvio da média, na inadaptação e na diferença. O que acontece é o tempo decorrer no local, que albergue a simultaneidade. Constatou a seriedade e a alegria, o sagrado e o profano em feiras e romarias, logo, bem além de interpelados locais de exclusão.

Equacionado o menor espaço de desintegração atual, nos territórios ocidentais temos inadequadas respostas coletivas. Como não ver a etiqueta, a discriminação e o estigma, num dado lugar e tempo?

### **Jogo de espelhos**

A filósofa não pensa em termos dualistas: “tempo ou espaço”. No antidualismo, torna-se pertinente descobrirmos saberes por outros desalinhados. Reconheço haver um “dualismo” - “ou ‘eu’ ou *outro*”. O mundo não é dual noutros domínios. A realidade concretizada e bem-sucedida chega a ser híbrida, cocriada pela perceção que varia em realidades dilatadas. No dia a dia, nos domínios artístico ou literário, albergamos até já um arco-íris de desvios que se (des)fazem nas *etiquetas*: os “amarelos” sucedem-se aos “verdes” ou aos “vermelhos”.

Contudo, não deixa de impressionar uma relação dual, partindo dum espelho plano, portanto, que é um objeto real, no sentido concreto e no espaço localizado. Quanto à imagem formada, tanto pode ser real como imaginária. Quando o objeto for real, a imagem é virtual; quando o objeto for virtual, a imagem é real. Noutra acessão de realidade (o que percebemos como real), temos já criações mentais e um conjunto de obras e espelhos, que atingem o seu propósito reflexivo.

Fico a pensar num particular, no que deparei no *meu* reflexo no espelho... Imaginada a “biblioteca” de Jorge Luís Borges (1944, p. 18), não era eu, porque

o sujeito mental só existe em relação ao objeto mental. O sentimento ajudou-me a criar *isso* – a mente, depois de olhar para a “moldura do meu corpo” (Damásio, 2020, p. 55), dito que o sentir no corpo traz o saber.

Compreendo também que o “eu” (*self*, no original)<sup>136</sup> não seja uma *coisa* real, por inconsistência própria de todo um processo dinâmico. Deslocável, tomo-o por uma construção comum, em que o “eu” se *identifica* a *outro*. Aprendi a ler Borges com um apaixonado pelos seus livros e num sentimento de pertença, em que identifico o “eu” e o “tu”.

E se o “eu” é concebido no sujeito mental - e como espelho do *outro* - já nisso projeta a autoimagem, o “ideal de eu”. Nem será de atender à diferença inerente a *outro*, seja ficcional ou seja real. No desconhecimento do dual, em que o “eu” existe unicamente em relação a objetos mentais<sup>137</sup>, a impossibilidade do “eu” (só eu) torna-o um objeto imaginário<sup>138</sup>.

Mas como colocar *bem* o “eu” frente ao ser?

Por relação ao sentimento, mas também ao saber, em que se ganha a consciência (Damásio, 2020, p. 55).

---

136 Um “eu” não se pensa como um órgão ou homúnculo, na medida que é um processo, “uma estratégia biológica para recrutar e organizar a informação que o cérebro recebe sobre o corpo a que pertence” (Damásio, 2020, p. 55).

137 Na filosofia budista, o “não self” (*anattā*, no dialeto indiano pali, ligado ao sânscrito) e as ideias de “origem dependente” acentuam que o sujeito mental só existe em relação ao objeto mental, no compartilhado por um neurocientista, Max Henning e um filósofo, David Robert Loy (Damásio, 2020, p. 285-286).

138 Para Lacan, a “fase de espelho” é a etapa de criação do “eu”, “uma função de desconhecimento”, no que nos iludamos sobre quem somos. Na escola lacaniana, o “eu” constitui-se na linha do imaginário, do sonho do sujeito unificado, sem que alguma vez o seja.

Por relações de contraste, é na alteridade<sup>139</sup> que alcançamos a qualidade do que seja diverso.

Mas se o “eu” é à imagem do *eu adulterada* e o “eu” é à imagem do *ser*?

Pode ser o “eu” tornado na imagem alienada.

O que nos diz a filósofa a esse respeito?

“O *mesmo* [o si mesmo] e o *outro* impõem uma ‘dualidade’”, porque não se acedem no mútuo.

No dia a dia, se não prescindir de outrem, torno-me dependente emocional. Na interação, torna-se impossível o sentido da reciprocidade ou de troca mútua. Por condição linguística, *outro* é diverso de “eu” e acoplado no espaço “misto e geminado”, como também o acentuou Foucault. E se nem está *lá o outro*, deslocalizado?

Buscada a irredutibilidade do *outro* em mim (e num espelho plano), uma heterotopia acentua a fenda de acesso ao âmago do ser humano – e a ilusão.

Para o “ser-com-outros” e a consciência social ampliada, torna-se acessível à imaginação e à crítica justificar-se a escolha duma biblioteca. Na turbulência em que vivemos, a biblioteca contrasta até com o lugar estranho.

Por conseguinte, as identidades são volúveis e os espelhos transmitem aparências e paradoxos. Numa dimensão “racional” e “civilizada”, também a biblioteca pessoal conduziu já à “leitura” do mundo *heterotópico*. Acredito “ler” o computo parcial do mundo nos seus livros, num “mapa aberto” em que a *coconstrução* do mundo seja fantasia e lucidez.

---

139 A palavra “alteridade” emergiu na filosofia moderna, com Hegel (1770 – 1831), retomada no pós-estruturalismo e com Lacan.



## Utópicos e dissensos

Na heterotopia espelha-se uma imagem da desarmonia entre grupos e solitários utópicos do passado.

Como história fundadora, porque não ir mais longe e devolver utopia ao poeta oral Hesíodo, no ideal de justiça?

No século VIII a.C., Hesíodo inaugurou o mito da idade de ouro, em “Os trabalhos e os dias”. A cobro da herança, no mal-estar com o irmão Perses, chegaria a mostrar-lhe o dinheiro *nojento*. Melhor seria trabalhar e terminar com a violação do direito de outrem.

Foi na Antiguidade Clássica dada a maior esforço a construção duma ilusória cidade - *Kallipolis*<sup>140</sup>. Platão ilustrava um outro modelo de utopismo do mundo, social e político, tendo que aguardar muita alteração até nos prender a ideias-âncora<sup>141</sup>, repetidos os utopismos. Se bem que a “virtude” platónica já admitira certos domínios de poder do Estado, os ideais iriam saltar e virar para espíritos transformadores: filósofos, humanistas e cientistas. Penso adiante em Kant (1724 – 1804), Kropotkin (1842 – 1921) e no pacifista inveterado, o cientista Lewis Fry Richardson (1881 – 1953).

Afinal, como validar o poder de Estado, sem “guardiões”? - diria o cético social. Com ilusões?

---

140 *Kallipolis* ilustrou a *cidade do céu* – espelhada na *polis*, cujo governo caberia a semideuses num mundo sem tempo.

141 Possuir uma ideia âncora ou *subsunçor*, ajuda a pensar temáticas difíceis, partindo da estrutura cognitiva-narrativa.

## O humor e a sátira social

Nada melhor do que começar o literato por usar da extravagância, levando a utopia até a estilo da novela. Brilharia Rabelais (1494 – 1553). "Gargantua", na Abadia de Thélème, seria o local imaginado dado ao livre arbítrio e ao prazer.

No início do século XVIII (Século das Luzes), teríamos outra graça e a palavra "eutopia" (no grego *eu*, para bem + grego *topos*, para lugar + -ia), "alojada no cérebro" (Mandeville, 1962, p. 38). Também seria possível contar a parábola com arrojo maior frente a poderes vigentes. Refiro-me à "fábula das colmeias" de Bernard de Mandeville (1670 – 1733).

De facto, ao contrário dos antecessores utópicos, na obra satírica inesquecível do médico Mandeville (1962; *Internet Encyclopedia of Philosophy*, n.d.) surgia o neologismo "eutopia". Poderia alguém fantasiar uma comunidade com virtudes cívicas, partindo do seguinte extrato esclarecedor:

"Deixa então as queixas: só os tolos procuram  
Fazer grande uma colmeia honesta [...]  
Sem grandes vícios, é uma vã  
Eutopia alojada no cérebro.  
Fraude, luxúria e orgulho têm de ter vida,  
Enquanto nós recebemos os seus benefícios [...]  
Não devemos nós a multiplicação do vinho  
À mesquinha vinha seca e retorcida? [...]  
Assim o vício é um benefício encontrado,  
Quando por justiça é podado e restringido [...]  
Sim, onde as pessoas são grandes,  
É isso que é necessário ao Estado [...]  
A virtude nua não pode fazer as nações viver  
Em esplendor; para renascer

Uma idade de ouro têm elas [as nações] de ser livres,  
Para os vícios como para a honestidade.  
(Mandeville, 1962, p. 38)

O que haja na ideia de *bem*, sem praticá-lo, é (eu)topia, compatibilizada a visão do organismo.

Por conseguinte, Mandeville era o criativo naturalista e cético social. Discriminava duas colmeias para grupos humanos. Uma cultivaria os *bons* hábitos (“virtudes”) e a outra levaria as pessoas por *maus caminhos*, quando na colmeia “aproveitava-se a vida” (Rescher, 2018, p. 186). Utilizou essa fórmula compreensível e educativa, afirmando que os *bons* estariam cheios de “eutopia alojada no cérebro”. Era o retrato duma luta em que num polo atraente encontrou a cobiça e os bens materiais, categorias inconciliáveis e incapazes de aglutinar o polo dos *bons*.

### **Uma luta renhida**

Quem foram os lutadores utópicos?

Foram muitos dos que se levantaram contra a nobreza e a religiosidade, mortos tragicamente.

Numa caracterização real, que transitou para a faceta ficcional<sup>142</sup> atual, o escrito de More (1997) passou ao cinema, em *A man of all seasons*: dedicando o filme ao crítico do rei. Na divergência com Henrique VIII de Inglaterra, recorda como Thomas More foi levado à morte pelo monarca.

---

142 Na cultura europeia, foram esquecidos os escritores clássicos. Nos filmes, o biótipo (aglutinação anglo-saxónica, para *bio-*, biográfico + *pic-*, retrato) acaba por fascinar plateias.

Na Revolução Francesa, o Marquês de Condorcet (1743 – 1794) também foi assassinado.

Após More apostar no valor “superior” do humano e Condorcet estudar a divergência, houve que seguir um caminho, entre defender outros ou “leis” impostas. O Barão Montesquieu (1689 – 1755) assentou na qualidade do direito legal encaminhado por uns, mesmo não demasiado *bons*<sup>143</sup>. Todavia, ainda não saberemos dizer o que seja determinante para a mudança: as pessoas boas ou as boas leis.

Muitas foram as quezílias para o século XVI. Colocavam-se teorias do universo infinito e da multiplicidade dos mundos, estranhas na velha ciência.

Foi quando o escritor e dominicano Giordano Bruno ousou sonhar com “mundos habitados”. Num processo de rejeição, enveredou pelo lado “falso” para igrejas (heresias). Ainda fez peregrinação, tornou-se calvinista, aderiu a Lutero, mas foi morto numa armadilha montada. Outros tiveram o mesmo fim, executados como hereges. Jan Hus foi executado, em 1415, por ater-se a ideais religiosos, cem anos depois defendidos por Lutero (1483 – 1546)<sup>144</sup>, na Alemanha, excomungado. Na situação, quando os Reis detinham o poder, a par de Papas que vendiam indulgências<sup>145</sup>, um erro datado fora trazido a

---

143 A primazia do dilema moral é de Maquiavel (2015) e de Hobbes (1995). O realista Maquiavel (1469 – 1527) defendeu a política implacável - a “razão de Estado”, em que “a lei seria do mais forte”, adotada a *linha dura*: os fins justificam os meios e se excluiu uma ética. Para efeito de estabilização, Hobbes (1588 – 1679) daria vida a um organismo vivo, no Estado um *Leviatã*, um *Super-Homem*. A alternativa seria desagradável, ausente a ordem social e a base teórica de um Maquiavel, cujo poder fora estabelecido (isento de legitimidade dinástica).

144 Foi imposto que ninguém desse alimento, abrigo ou ajuda a Lutero, monge da Ordem de Santo Agostinho, introdutor da Reforma Protestante, conduzindo à violência extrema contra seguidores, destruidores de imagens (iconoclastas), anabatistas (*rebatizadores*) e camponeses.

145 A expressão verbal “assim que uma moeda tilinta no cofre, uma alma sai do purgatório” foi adotada por “perdoadores” (Azevedo & Seriacopi, 2007).

público por Martinho Lutero (Indulgência, s.d.). Apelou a “princípios”, entre o que fosse desejável e o que poderia correr *mal*.

### **Idealistas, Razão e paradoxos**

No século XVIII, o que ocupou Kant?

A “obrigação moral”, o que continuaria a ser conflitual. A “paz perpétua” ganharia descanso folgado, em 1795, com imensas guerras e o oficial recém-admitido Bonaparte a esmagar motins monarquistas em Paris. Kant, à distância, equacionava os benefícios morais de serem deixados os períodos provisórios de tréguas, partindo da premissa de que a moralidade pessoal (uma obrigação nos relacionamentos) seria extensível aos Estados europeus. Dado o início da Revolução Francesa, de maneira realista, foi quando Kant terá observado: a faceta de “imperfeição” do mundo e a faceta da sua melhoria por “progresso” a alcançar -- o que o abalçou no utopismo<sup>146</sup>.

Kant (2014, secção 1, 13) elaborara a separação entre agir moralmente e fazer o que a moral exige, a pensar na *razão* “correta” e não nas vantagens que poderiam advir do procedimento talvez egoísta e individualista.

E se Kant assistiu ao início do que estaria por vir, na falha da *Ilustração* (a Revolução Francesa), Hegel (1770 – 1831) acrescentou a terceira volta ao pensamento de Hobbes (o Estado está aí para diminuir o dano e o prejuízo) e de Rousseau (o Estado destrói o “bom selvagem”). Hegel recriava o Estado “racional” e permitiria a *interação* e a *produção* de algo em conjunto, pela *ação*

---

146 O utopismo separou a *religião revelada* (“que género de cristãos somos nós, quando...”) da componente *preferencial* (“não seria o máximo se...”) (Rescher, 2018, p. 202).

*construtiva* de pessoas (Rescher, 2018, pp. 141-142). Abalado por Kant e Hegel, o pensamento racional expandiu conjecturas que declinaram?

Durante a *III Reich*, eram já muito poucos os *kantianos*, na Alemanha nazi (1933 – 1945), mas a determinação floresceu no século XIX, em vida de Charles Darwin<sup>147</sup>.

A utopia saiu desacreditada após a I Guerra Mundial (1914 – 1918). Ao pacifismo da Sociedade das Nações (uma organização internacional, de 1919 a 1946) encostou-se a “imperfeição” da Organização das Nações Unidas (ONU).

### **O idealismo mutualista**

Depois de Kant, sem tónica moral, os defensores da paz usaram preferencialmente argumentos humanitários.

Foi o que implementou o príncipe Piotr Alexeyevich Kropotkin (1842 – 1921). Manifestou ser contra a perspectiva defendida por darwinistas sociais<sup>148</sup>, acérrimo defensor anarquista do modelo mutualista. No exílio em Inglaterra (Kropotkin, 2009), com obra publicada em 1902, o moscovita expressava ter sido a complacência de grupos a colocar o estado das *coisas* na mão de quem

---

147 Com a conceção de evolução por seleção natural, Charles Darwin faria entrar ideias biológicas na política e na sociedade, como o *darwinismo social*, dito estar em causa a “sobrevivência dos mais aptos”. Donde, na sociobiologia, os detentores do poder político e económico serem tidos como “muito aptos” e líderes “naturais” (como organismos), a par de certas sociedades “superiores”, nomeadamente ocidentais.

148 O darwinismo social sobreviveu numa escrita “popular” em que as sociedades evoluíam para níveis mais elevados, por seleção natural.

tivesse força e grande influência. Assim desvalorizaria os ganhos em rivalidades, competições e conflitos.

Com o mutualismo, firmava-se a concepção social de que a evolução da espécie<sup>149</sup> assentara na criatividade, colaboração e entreatada de pessoas de boa vontade, que confiassem umas nas outras, o que não dependeria de características excepcionais de uns quantos.

### **Dissensos na Biblioteca de Babel**

Chamar ao paraíso de Éden, universo, infinito e universal “biblioteca” lembra serem intermináveis as incompreensões mútuas. Vivemos convulsões e disputas, quando *coconstruímos* um *contra do saber* e o dito, numa confusão de línguas com a desconexão dos mundos mentais.

Com estranheza li representar a *Biblioteca de Babel* uma “etiologia”. Por etiologia entendia-se uma narrativa da origem de um fenómeno ou de um nome, entre outros mitos, que congregam a palavra, o discurso, a narrativa, o não-dito e o dito de outra maneira. O próprio dissenso tem uma alegoria bíblica que explora a desdita, na “torre de Babel”. Na forma de saber mítico fundador (*Génese* 11, 4-9), ficou escrito: “E as pessoas disseram: vamos, façamos uma cidade e uma torre cujo topo possa chegar ao céu...”.

Possuímos um mundo inseparável do infinito. Já na *Biblioteca de Babel* (Borges, 1944; p. 17), o conto da coletânea *Ficções*, publicada em 1941, era para ser concebido um espaço geometrizado pelo escritor e bibliotecário. O arquivo numérico prometia colocar à disposição do leitor *todos* os saberes

---

149 A posição de Darwin abalou a Europa, quando as evoluções sociais nem fossem consideradas únicas e nem fossem desintegradas do desenvolvimento dos fenómenos orgânicos.

somados nos livros. Na forma metafísica, era dada a entrada infundável a realidades díspares, esquecidas, reproduzidas doutras paragens ou decifradas por quem as entendesse. Era sabido que “as máquinas neuronais são limitadas...”

Como diz também no *Génesis* (11, 4-9): “... e daí em diante o Senhor os dispersou por toda a face da Terra.”

Portanto, do conceito de heterotopia alcancei um *subsunçor* (*ideia âncora*), com base na aprendizagem significativa. Gostando de paradoxos, a heterotopia acolhe-os, faz avançar exemplos e a análise de experiências históricas, umas em locais e épocas dadas, outras mais gerais.

### ***Insolubia*, paradoxos iluminados e predicados vagabundos**

A história da filosofia e da literatura encontra-se pejada de idealismos, quando pensei nos “princípios” idealistas<sup>150</sup> e modelos do mundo, contrastantes com os dados (textos) fundamentados no contexto.

Para o que nem fosse carente de solução, *insolubia* reporta-se à Era da escolástica, nos escritos titulados e retratos lógicos. O conhecimento da Antiguidade seria então muito parcial, ao contrário do saber da patrística, quando surgiam as universidades, desde o século XIII.

---

150 No idealismo teológico, o idealismo concebeu o pressuposto: “relacionam-se os domínios físico e não físico?” Na mecânica quântica ortodoxa, com Werner Karl Heisenberg (1901 – 1976), a observação é a atitude de escolhas e as escolhas básicas são de natureza binária (v. idealismo ou realismo).



Referir-me-ei também a paradoxos, numa ordem de salientadas Idades ou Eras. Implicarão a opinião contrária à “lógica”, no que expõem a heterotopia, abalroados limites balizados.

Numa formalização lógica, a palavra ou expressão verbal designada de “predicado” implica atribuir-se ao sujeito uma proposição (frase declarativa), por afirmação ou por negação. São os predicados “V” (verdadeiro) e “F” (falso), com um valor lógico acrescido, designado de “desconhecido”, quando coligidos factos indeterminados (ou insuficientes), para efeito de aplicação do predicado lógico: “V” ou “F”.

A Lógica filosófica teve os seus tempos áureos. Muito antes do século XVII, já se atribuiu à cifra a presença do utopismo “na escala musical e nos céus e em muitas outras coisas” (Aristóteles, 1090a, pp. 20-25; como citado em N. Rescher, 2018, p. 30). Aliás, em “muitas outras coisas” inventa-se e descobre-se a natureza do “real”, assente na regularidade da lei da gravidade de Newton (aproximadamente, 1642 – 1726).

As utopias são contemporâneas do Iluminismo<sup>151</sup>, quando a Europa do século XVI, era ora idealizada, ora satirizada por More (1997). Em “Utopia”, na *ilha*, estava concentrado um punhado de *bons* homens. Na história partilhada por More, a parte inicial de “Utopia” contava violências e injustiças: antes de retratada a liberdade, daria azo a lutas políticas e à apreensão de ter sido invertido o pensamento de Platão (aproximadamente 428 – 348 a.C.), e reatada a emancipação efetiva.

No ideal de utopia, presidia, como foi referido, uma virtude *natural*.

Como iria ainda florescer o bem-estar subjetivo dum livre-pensador?

---

151 O Iluminismo foi datado por franceses como tendo início em 1715 (na morte de Luís XIV), com o final situado na Revolução Francesa, em 1789.

Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778) criava o seu *Émile*, invertendo a conjectura hobbesiana<sup>152</sup>. Foram precisos cerca de 100 anos, depois de *Leviatã*, para o filósofo suíço ilustrar o saber do primitivo, naturalmente bondoso, sem aquele cunho de egoísmo e impulso de lutador, enformado pela sociedade civil, fonte da discórdia inveterada.

O ocidente europeu impunha assim a defesa do princípio de consciência moral, um paradigma de “virtude” no Iluminismo. Rousseau (1989, p. 37) ainda iria acreditar que “Tudo é bom quando deixa as mãos do Autor das *coisas*; tudo degenera às mãos do homem.” A natureza (no grego, *physis*, razão e verbo de todo o criado) era de construção divina, a sua manifestação. E o ser humano seria honesto e *bom*, quando não corrompido.

A par da Razão, entre 1789 e 1799, em plena Revolução Francesa, ainda iria mais longe o Marquês de Condorcet. Entre outros dissensos, empreendeu na possível degradação da democracia e foi assassinado. O seu problema era o seguinte: “E se a democracia eleitoral se torna ineficaz, nas votações públicas?”

A racionalidade via-se desbaratada. É o que ocorre, quando é perguntado o seguinte: “onde colocar uma ponte... um aeroporto?”

As soluções são percebidas: (“... mas não em A [onde vivo]”; “... mas não em B”; “... mas não em C”), descartada a hipótese de não construir a obra. Por unanimidade, “todos querem o aeroporto”. Fere pensar no paradoxo, quando a maioria desfavorece a construção em três locais exequíveis e gera desacatos.

Desde o século XVIII, portanto, uma afirmação séria, um enunciado “verdadeiro” e uma racionalidade nas ciências da natureza (*physis*) seriam o real consubstanciado.

---

152 O termo “hobbesiano” enfatiza o legado escrito por Thomas Hobbes: *Leviatã*, publicado em 1651.

Menor número de lugares de idílio e perfeição eram alcançados na literatura para o porvir, local de desgraça. Pelas letras, uns poucos imiscuíam a visão da adversidade e aventuravam-se no sentido trágico.

Desde o século XIX, posta em prática a utopia da “ditadura do proletariado”, ainda sobreviveu a manipulações.

Finalmente, no século XX, foi a vez da matemática constatar imponderáveis. Foi com o problema “do comprimento da costa britânica”, que foram apontados factos imprevisíveis, por Lewis Fry Richardson. Como será possível medir uma costa, ziguezagueando o mar ao sabor de ventos e marés?

Se essa avaliação é indeterminada, traduz “uma ficção conveniente”. Como sabemos, a quantidade não existe, por imprecisão e indefinição do tamanho da ilha europeia. Essa é uma “quase quantidade”, a que faltará sempre um comprimento dado, “num dado momento” (“exatamente agora”).

Richardson foi um dedicado matemático, físico, meteorologista e psicólogo. Na análise matemática usou equações diferenciais e a teoria da probabilidade, para solucionar o paradoxo da linha costeira, no que antecipou pesquisas de fractais<sup>153</sup>. Com empolgado idealismo, discriminou de forma plausível o que seja de constranger-nos entre prática e teoria, cujas origens sejam diversas (Rescher, 2018, p. 283). A prática é sujeita a “necessidades”, ajustamentos, espaços intermédios para lógica binária.

No intuito de finalizarem os conflitos doutriniais, como traçar a via epistemológica?

---

153 Fractais são estranhas figuras geométrica cuja característica básica é a *autossimilaridade* (imagens contem cópias de cópias e assim por diante), geradas por equações matemáticas e em que programas de computador permitem a visão de formas e cores. Apesar de pensar-se em arbitrariedade, os fractais sujeitam-se a regras, à semelhança do fluxo dos rios.

No século XXI, coube a Nicholas Rescher (2018, p. 282) usar a matemática, no indeterminado de Richardson, para o que designou duma espécie de *vagabundagem predicativa*<sup>154</sup>, na filosofia.

É disso que se fala, quando os factos (existentes) nos escapam. Pode ocorrer, que *eu* os desconheça (nem “V” nem “F”), logo, como os “comprimentos” que não podem ser exatos. Patenteia a ideia do saber limitado para os “itens” (questões) “inacessíveis *identificacionalmente*” (Rescher, 2018, p. 346), à semelhança do número, mas que não seja “portador de predicado”. Assim, não se identificam certos itens que são errantes, em ausência de *residência fixa* (p. 346), mesmo com possíveis aplicações. Sem um espaço demarcado, os *predicados vagabundos* serão heterotopias e a-localizações. Devem-se à nossa ignorância e/ou à inacessibilidade do que seja até incognoscível. Numa via epistemológica, portanto, traça-se a possibilidade de acabar guerras, contendas e maniqueísmos, escapando-nos os inumeráveis factos existentes.

## Discussão final

Livros são o que se pode dar *sem perder*. Heterotopias colocam também mais questões.

Na via sistemática, Ana Luísa Janeira enunciou um espaço social e cultural em que *teimamos* separar e reordenar por maior ou menor “grandeza” o privado e

---

154 “Predicados vagabundos” sintetizam a ideia destacada por “mostra-me!” (Rescher, 2018, p. 345). Com o *intuicionismo* de certos lógicos, houve a “exigência” do caso exemplificador para dizer-se “isto existe!”. A observação de “casos”, tornou-se imprescindível a filósofos metafísicos (e positivistas) para as afirmações existenciais. Donde a veracidade duma afirmação poder nem permitir a plena satisfação intelectual, faltando o entendimento intelectual para a coerção (o argumento “cogente”).

o público, o familiar e o social, o cultural e o utilitário, o centro destinado a ócio e turismo, o modo alternativo no negócio e trabalho quotidiano.

Por derivação do neologismo, “heterotopologia”<sup>155</sup> enquadra o espaço aberto para o método agregador e inovador do pensamento desta filósofa das ciências, conhecedora da obra de Michel Foucault.

Divergindo dos utopismos *enganadores*, as heterotopias fornecem-nos as destruições criativas e aplicadas do projetado. Incentivam-nos para o negar, o contrariar no articulado, o desdizer, o discutir do que não está no seu “devido lugar”, por *mal* instituído. Então, são as heterotopias as “utopias realizadas” por “inversão” e “contestação”. Uma heterotopia acede ao simbólico no esboçado e concluído.

Primeiro, no acervo coletivo pode constituir-se todo um catálogo de coleções acumuladas. Ao índice de fichas veio a substituir-se uma base de dados informatizada. Habitúamo-nos à ordem, à lógica, à racionalidade no “progresso”, encontrado na classificação dos “arquivos gerais”. Habitúamo-nos a observar erradamente verdades nos tombos datados.

Ao contrário do lado instituído, a biblioteca pessoal é desejada como não linear, não sujeita a leis, a decretos e a regulamentos. Inclusive, pode ser temporária, passageira ou provisória, atemporal (ou não).

No final, caberá à heterotopia fazer-nos rever a “justaposição num único lugar real [o espelho onde se reflete um humano] de vários espaços, de vários locais que são incompatíveis”.

---

155 “Heterotopologia” consuma um método de pesquisa introduzido por Michel Foucault: “descrição sistemática que teria por objeto, numa dada sociedade, o estudo, a análise, a descrição, a ‘leitura’, como se gosta de dizer agora, desses diferentes espaços, desses outros lugares [heterotopias], uma espécie de mítico e real do espaço onde vivemos.”

Ao ler os dois pensadores, nem me dei logo conta do tempo *acumulado* (secular) e *empoleirado* nas obras das prateleiras, com livros de “antropologia”<sup>156</sup>, por mim buscados “estudos culturais”, num olhar do esconso, para as divisórias.

“O destino do ser humano é o conhecimento”, assegurou Carl Sagan, no livro que me acompanha sempre, *Cosmos*. Numa plataforma comum, portanto, quando aos livros doutros podemos acrescentar saberes, deixam de ser conhecimentos absolutos. O refletido e clarificado no blogue ajudou-me a aprofundar e a selecionar dados (“textos”) pertinentes e a debater-me com conceitos e relações raramente encontradas, não fossem os espaços oblíquos e sobrepostos.

Continuaremos a viver utopismos numa dispersão de bases conceituais. Encaramos o real no ambiente tecnológico e virtual. Saudamos o passado mítico, antecipado o coligido no livro do futuro. Acordamos o sentimento de redutibilidade do *outro* que grassa em *mim*. Vislumbramos o acesso à consciência de si, na totalidade social, uma consciência ampliada.

No coletivo da Terra, saem desfocadas da consciência as utopias humanistas, as belezas de outrora, os tratados de advertência e as conjeturas agregadoras nas obras panfletárias sobre o inviável. Vivemos já inacreditáveis ilusões, sonhos e quimeras. Das ambíguas felicidades terrestres, as heterotopias colocam adiante os indeterminados espaços intermédios, entre o “lugar de lugar algum” e o “lugar sem tempo” do cosmos do astrónomo.

Sagan agarrou o que existiu, existe e existirá, fixado o utopismo a nível de *tudo*. E será que aqui e agora a pessoa sentir-se-á ectópica, num ambiente

---

156 Pensou a antropologia como uma “ilusão” da modernidade, aproximada do exotismo. No século XXI, a antropologia interligou-se já à história, romance, ficção, sociologia e psicologia.

“anormal”? Na contracorrente, onde *vive* a incontornável projeção de nós mesmos?

*Vivemos* em cidades distópicas, cuja utopia tem projeções na *internet* e no terreno inóspito. Dia a dia, a desilusão do futuro espelha-se em adolescentes e jovens mulheres francesas. Cerca de 45% de jovens levados aos serviços de saúde, em 2021, afirmaram o desalento (Mathiot, Leboucq, & Darnault, 2022, Janvier 10). Aderirão outros ainda a quimeras, não tanto à fantasia futurista. As esperanças mais longínquas revelaram o inconcebível da guerra.

Na *insolubilia* há um modo de pensar nos paradoxos, quando ainda estamos demasiado ignorantes, se bem que existam problemas não solucionáveis para o nosso cérebro.

## Referências

Azevedo, G. C., & Seriacopi, R. (2007). *História*. Vol. Único. São Paulo: Ática.

Borges, J. L. (1944). A biblioteca de Babel (conto publicado integralmente na sua antologia em 1941). *El jardín de senderos que se bifurcan*. Buenos Aires: SUR. Reeditado em *Ficciones*.

Cohen, M. (2003). *101 problemas de filosofía*. Madrid: Alianza Editorial.

---

Damásio, A. (2020). *Sentir e saber: a caminho da consciência*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Foucault, M. (1984 [1967]). Des espaces autres. Conference au Cercle d'Études Architecturales, 14 mars 1967. *Architecture, Mouvement, Continuité*, 5, 46-49.

Génesis (s.d.). 11, 4-9. Versão do rei Jaime. Atualizada. Recuperado em <https://bibliaportugues.com/kja/genesis/11.htm>.

Gombrich, E. H. (2010). *Uma pequena história do mundo*. Lisboa: Público Comunicação Social.

Harari, Y. (2017). *Homo deus: história breve do amanhã*. Lisboa: Elsinore.

Hobbes, T. (1995). *Leviatã*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Indulgência (s.d.). In *Wikipedia*. Retrieved July 20, 2021, from <https://en.wikipedia.org/wiki/Indulg%C3%A2ncia>

*Internet Encyclopedia of Philosophy* (n.d.). Bernard Mandeville (1670-1733). Retrieved from <https://iep.utm.edu/mandevill/>.



James, W. (1890/1950). *The Principles of psychology*, 2 vols. New York: Dover Publications.

Janeira, A. L. (2020 12 17). 4. *Para uma epistemologia da biblioteca pessoal*. [Web log post]. Disponível em <https://arquivovivido.wordpress.com/os-meus-espacos-de-construcao-producao-intelectual-cultural/bibliotecas/>.

Jardim persa (n.d.). In *Wikipedia*. Retrieved from [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jardim\\_persa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jardim_persa).

Kant, I. (2008). *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70.

Kant, I. (2014). *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70.

Kropotkin, P. (2009). *Mutual aid: A factor of evolution*. London: Freedom.

Mandeville, B. (1962). *The fable of the bees: or privat vices, public benefits*. Ed. I. Primer. New York: Capricorn.

Maquiavel, N. (2015). *O príncipe*. Lisboa: 11 x 17.

Mathiot, C., Leboucq, F., & Darnault, M. (2022, janvier 10). SOS d'une jeunesse en détresse: explosión du nombre de gestes suicidaires chez les adolescentes en 2021. *Libération*. Récupéré dans [https://www.liberation.fr/checknews/gestes-suicidaires-chez-les-adolescentes-sos-dune-jeunesse-en-detresse-20220110\\_USG4W6Q5WNAZZBJLED5776FUSM/](https://www.liberation.fr/checknews/gestes-suicidaires-chez-les-adolescentes-sos-dune-jeunesse-en-detresse-20220110_USG4W6Q5WNAZZBJLED5776FUSM/).

More, T. (1997). *Utopia*. Mem Martins: Europa-América.

Rescher, N. (2018). *Uma viagem pela filosofia em 101 episódios*. Lisboa: Gradiva.

Rousseau, J-J. (1989). *Emílio*. Mem Martins: Europa-América.

---